

# Inovação lexical na rede social: as criações neológicas para nomes de festas universitárias no *Facebook*

*Lexical innovation on social network: neological creations to name university parties on Facebook*

Maiune de OLIVEIRA SILVA\*  
Universidade Federal de Catalão (UFCat)

Pauler CASTORINO\*\*  
Universidade de São Paulo (USP)

Vanessa Regina Duarte XAVIER\*\*\*  
Universidade Federal de Catalão (UFCat)

**RESUMO:** As criações lexicais são recorrentes na língua geral e/ou especializada, porque essas inovações linguísticas, compreendidas como neologismos, denominam a aquilo que é tido como novidade na realidade dos sujeitos. Neste viés, acreditamos que, na contemporaneidade, essa renovação lexical é disseminada sobretudo por intermédio das redes sociais (GONÇALVES, 2019). Por esse prisma, nesse estudo temos como objetivo investigar os processos neológicos mais frequentes em nomes de festas universitárias divulgados na rede social *Facebook*. Para isso, utilizaremos como pressupostos teóricos os estudos de Alves (2007), Correia e Almeida (2012), Guilbert (1975), entre outros que versam sobre a temática que ora abordamos. A metodologia tem cunho quanti-qualitativo, posto que coletamos os neologismos manualmente na rede social supramencionada e realizamos o cotejo deles em dicionários gerais de língua, com vistas a conferir seus *status* neológicos. Nossos resultados apontam que os neologismos formais, em sua maioria composições sintagmáticas e cruzamentos vocabulares, foram os mais recorrentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Neologismos. Nomes de Festas universitárias. *Facebook*.

**ABSTRACT:** Neological creations are frequent in the general and/or the specialized language because these linguistic innovations, understood as neologisms, refer to what we considered as new in the reality of the subjects. Therefore, we believe that, in contemporary times, this lexical renewal is disseminated mainly through social networks (GONÇALVES, 2019). From this perspective, in this study we aim to investigate the most frequent neological processes in names of university parties published on the social network *Facebook*. For this purpose, we will use as theoretical assumptions the studies of Alves (2007), Correia and Almeida (2012), Guilbert (1975), among others that deal with the theme that we are discussing. The methodology has a

---

\* Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão. E-mail: maiune20@gmail.com.

\*\*Doutorando no Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: paulercastorino@usp.br.

\*\*\*Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da Unidade Acadêmica de Letras e Linguística da Universidade Federal de Catalão (UFCat) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) E-mail: vrdxavier@gmail.com.

Recebido em 29/03/2021  
Aceito em 10/05/2021

quanti-qualitative nature, since we collected the neologisms manually in the social network and collated them in general language dictionaries, in order to check their neological *status*. Our results indicate that formal neologisms, mostly syntagmatic compositions and vocabulary crossings, were the most frequent.

**KEYWORDS:** Neologisms. Names of university parties. Facebook.

## Introdução

É inquestionável a influência da tecnologia sobre o léxico das línguas naturais. Logo, o engendramento de neologismos para denominar as novas realidades que estão vinculadas às diversas esferas das atividades humanas é cada vez mais recorrente. A língua, enquanto espelho da cultura, reflete essa constante modificação, e o léxico é o nível linguístico que melhor evidencia essa relação entre língua e cultura, pois é por meio dele que há a inserção de novos itens lexicais designadores de novas tendências.

Especialmente nas redes sociais, é possível observar uma grande quantidade de novas lexias denominadas neologismos, criadas exclusivamente para designar uma realidade específica, no caso deste estudo, elas designam a criatividade dos *promoters* para criar nomes para seus eventos. Essas lexias, geralmente, apresentam traços híbridos que misturam oralidade e escrita, corroborando a ideia de *continuum* proposta por Marcuschi (2001). O *internetês*, nome dado à linguagem utilizada especificamente no ambiente virtual, por sua vez, apresenta uma série de particularidades que o caracteriza, tais como: palavras abreviadas, ausência de acentos gráficos e de pontuação, neologismos, estrangeirismos, entre outros.

Dentre as redes sociais utilizadas na atualidade, pauta-se, para a execução deste trabalho, apenas no *Facebook*, pelo fato de a produção de neologismos ser fecunda e, dentre as tipologias de neologismos, estudou-se, exclusivamente, os lexicais. Mais especificamente, deter-nos-emos nos nomes de festas universitárias, porquanto elas revelaram uma criatividade lexical ímpar dos *promoters*. Além disso, este estudo configura-se relevante, porque contribui com os estudos que vêm sendo realizados sobre neologismos na era digital. Importa-nos lembrar que a realização deste trabalho foi motivada porque são ínfimos os trabalhos que estudam neologismos em nomes de festas nesta rede social.

Salienta-se que os neologismos que configuram os nomes dos eventos foram escolhidos por meio da ferramenta *pesquisar*, disponível na rede social supramencionada, por meio da palavra-chave *festas universitárias*. Não se teve o intuito de separar as festas por estado e menos ainda em um ano específico, pois sabe-se ser tradição de alguns eventos se reprisarem anualmente.

No bojo desta discussão, o presente estudo tem como objetivo verificar quais são os processos de formação de palavras que compõem os neologismos léxicos que denominam as festas selecionadas. No que tange à metodologia, inventariou-se os candidatos a neologismos que apareceram no mecanismo de busca do *Facebook*, particularmente, os vinte e oito (28) primeiros resultados e, posteriormente, utilizou-se o critério lexicográfico como *corpus* de exclusão (CORREIA; ALMEIDA, 2012), a fim de se confirmar se a lexia extraída do *Facebook* é, de fato, um neologismo. Para tanto, lançou-se mão de dicionários gerais de língua coetâneos à rede social, tais como *Caldas Aulete* (2014), em sua versão eletrônica, e o *Dicionário UNESP do português contemporâneo* (2011), em sua versão impressa. A opção por escolher um dicionário eletrônico e outro impresso justifica-se pelo fato de o impresso estar, de certa forma, impossibilitado de acrescentar novos lemas por causa do seu formato, já o *on-line* pode nos dar a dimensão linguística de uso desses lexemas pelos falantes na atualidade, porquanto é atualizado com mais regularidade.

A hipótese do trabalho é a de que a maioria dos neologismos léxicos se dá pelo processo de composição por aglutinação e justaposição, pelo fato de eles serem processos bastantes produtivos na formação de novas lexias no português brasileiro.

## **1. A rede social *Facebook* e os neologismos que designam as festas: breves apontamentos**

De antemão, cabe discorrer brevemente sobre o surgimento do *Facebook*, para então trazer ponderações acerca dos neologismos encontrados nesta rede social.

Em janeiro de 2004, o americano Mark Zuckerberg e seus amigos de quarto, que eram discentes da Universidade de Harvard, nos EUA, criaram a rede social *thefacebook.com*. O intuito desta rede social era criar um vínculo entre pessoas próximas que estavam saindo do Secundário (*High School*) e indo para a universidade.

No primeiro ano de criação, esteve disponível apenas para os alunos de Harvard, e os conteúdos eram exclusivamente sobre a vida estudantil, gostos musicais, *hobbies*, no intento de tornar mais dinâmica a comunicação entre os universitários (RECUERO, 2009).

A autora supracitada (2009) informa que esta rede social foi criada tendo por base os *facebooks* da instituição, que eram uma espécie de livros feitos de papel que continham apenas as fotos e algumas ínfimas informações pessoais dos alunos. Seu principal objetivo era discernir calouros e veteranos dessa renomada instituição de ensino. Com o surgimento da nova plataforma virtual, a comunicação entre os discentes se tornou mais eficiente, haja vista que era possível conhecer melhor os colegas da Universidade e trocar informações por meio de mensagens de texto *on-line*. Dentro de pouco tempo, o *thefacebook.com* ganhou prestígio e alunos de outras universidades, bem como do ensino médio também puderam se cadastrar e criar um perfil para conhecerem melhor os estudantes de outras escolas e universidades.

Ainda hoje, o *Facebook* é uma rede social que possibilita aos usuários fazer novos amigos virtuais. Ele viabiliza, também, a criação de grupos (abertos ou fechados) para que os partícipes possam compartilhar atividades relacionadas a interesses comuns. Por intermédio da ferramenta *pesquisar*, localizada no topo da plataforma, é possível digitar, através de combinações léxicas, os nomes das festas e encontrar, na aba *eventos*, grupos criados especificamente para divulgar festas.

Adentrando aos grupos, é possível verificar a quantidade de pessoas que confirmaram presença, as que demonstraram interesse no evento, mas não têm certeza se irão comparecer, convidar amigos para lhe participar, comprar e vender ingressos, realizar comentários que exteriorizam expectativas em relação ao evento e, também, registrar reclamações e elogios após a festa. Estas estratégias consistem em divulgar ações publicitárias que visam a atrair públicos que estão à procura de diversão.

Nesse contexto, Damasceno *et al* (2016, p. 3) assinalam que

[...] as redes sociais possuem um papel fundamental na construção e disseminação dos elementos do cenário alternativo, principalmente entre os jovens. As principais casas noturnas, teatros, cinemas e festas utilizam das redes sociais para divulgar seus eventos e atrair o maior número de jovens para suas atividades. Muitos desses locais fazem promoções de entradas, aceitam sugestões de temáticas para suas festas e tiram dúvidas dos seus clientes. Tais estratégias conquistam os jovens que utilizam das redes sociais como um meio de facilitar a interação entre instituições promotoras de evento

e público. Além disso, as redes sociais ajudam na identificação do público, predominantemente jovem, com o evento ou local voltado para sua tribo, idade ou classe social.

Em busca de atrair um público específico que os *promoters* criam nomes exclusivos para seus eventos, demonstrando toda a sua criatividade lexical. Dito isto, parece-nos oportuno elucidar o que se entende por competência lexical. Em uma obra de título homônimo, Sandmann (1991) revela que esta é a capacidade que o falante tem de formar e entender novas lexias de acordo com as possibilidades disponíveis no sistema linguístico.

Destarte, convém lembrar que a criação de novas unidades linguísticas não ocorre aleatoriamente. Correia e Almeida (2012) sublinham que para que se incorporem novas unidades lexicais na língua existem basicamente três maneiras: i) a construção de lexias, recorrendo a regras próprias da língua; ii) a atribuição de novos significados a unidades léxicas já existentes e iii) a importação de unidades lexicais disponíveis em outros idiomas.

Pelo fato de novas unidades léxicas sempre acompanharem o desenvolvimento do acervo lexical dos idiomas (ALVES, 2007), uma lexia apenas assumirá o *status* de neologismo se, depois de criada no nível da fala, for aceita no seio da comunidade e empregada em outros atos comunicativos (BARBOSA, 2001). Por este motivo, nem todos os neologismos produzidos no nível da fala pertencerão ao sistema linguístico de uma comunidade (CORREIA; ALMEIDA, 2012). Consoante as autoras (2012), há neologismos que se incorporam ao léxico ativo dos falantes, a exemplo das lexias “sofrência”, “sextou” e “sabadou”; outros, tendem a ser efêmeros porquanto resultam de necessidades comunicativas eventuais e/ou específicas de um contexto sociocultural.

Sobre esta última asserção, Barbosa (2001, p. 39) explica que é comum um neologismo ficar restrito a uma região e/ou classe social. No caso de obras literárias, a restrição se dá pelo fato de a lexia não se propagar para a língua geral com facilidade, sendo, assim, impedida de integrar o léxico ativo dos falantes.

Acredita-se que os neologismos que designam as festas no *Facebook* possuem este *status* transitório, pois, geralmente, denominam uma realidade muito específica e, por esse motivo, não se fixam no vocabulário dos falantes e quase nunca integram o rol de verbetes que compõem os dicionários. Por outro lado, as redes sociais permitem que

eles se perpetuem por um dado período, haja vista que possibilitam o registro e o resgate de ocorrências de lexias utilizadas em tempos pretéritos.

Sandmann (1988) evidencia que o nascimento de uma lexia só é convalidado quando ela é registrada nos dicionários gerais de língua. Biderman (2001a, p. 212) complementa esse raciocínio ao dizer que “Ele [o neologismo] se pode tornar duradouro quando dicionarizado”. E mais à frente, continua:

[...] O dicionário como depositário físico do tesouro léxico abstrato da língua atua como arquivo fixador das lexias orais que poderiam morrer facilmente, se não fosse esse arquivo que as recolhe e preserva, às vezes, por séculos. O processo de dicionarização de um neologismo reflete a continuidade do seu uso no vocabulário geral. Ou seja: o vocábulo novo só é dicionarizado quando ele já foi aceito por toda a comunidade que fala aquela língua (BIDERMAN, 2001a, p. 212).

O dicionário é, de fato, o representante legítimo do vocabulário de uma comunidade linguística, no entanto, por mais novo que seja quando lançado, não consegue registrar a língua em sua totalidade. Assim, várias unidades lexicais, ainda que em uso por uma comunidade, mantêm o *status* neológico por não estarem dicionarizadas. Por outro prisma, não parece pertinente ao lexicógrafo registrar como entradas de um dicionário neologismos que estão em voga na *internet*, mesmo que amplamente utilizados pelos falantes de uma comunidade, se a unidade lexical for muito restrita e não houver possibilidade de recorrência em novos contextos.

Convém destacar que as criações neológicas não são aleatórias, mas sistematizadas, de acordo com Basílio (2013, p. 10), para quem “a expansão lexical é efetuada sobretudo pelos processos de formação de palavras, que são fórmulas padronizadas de construção de novas palavras a partir de material já existente no léxico”, as quais visam a garantir maior eficiência ao sistema linguístico.

Vilela (1994), em seu estudo sobre “Formação de palavras”, expõe que novas realidades obrigam a língua a flexibilizar-se de forma contínua. Desta forma, revela, ainda, que “em cada lexia formada, há algo novo e algo de já conhecido, decomponível, apesar das alterações sofridas no percurso derivativo.” (VILELA, 1994, p. 55).

Biderman (2001b, p. 14) corrobora o pensamento do autor supramencionado. Para ela, o “patrimônio [léxico de uma língua natural] constitui um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos

categoriais para formar novas palavras.”. Ao pensar pelo viés neológico, entende-se que toda lexia engendrada pelos falantes possui traços fonêmicos e/ou morfêmicos já utilizados anteriormente por seu grupo social.

Basílio (1987) diz que uma das principais razões pela qual os falantes formam novos itens léxicos, muitas vezes sem se dar conta disso, dá-se pelo fato de a memória não ser capaz de captar e guardar com eficiência um número muito grande de lexias para se aplicar aos diferentes contextos e situações do cotidiano. Se o ser humano não fosse capaz de (re)inventar lexias para designar os dados da experiência, a comunicação humana se tornaria deficitária.

Sandman (1991) lembra-nos de que a própria competência lexical do falante faz o reconhecimento do que é aceito ou não na formação de novas lexias, conforme as regras morfológicas da língua. O autor supramencionado (1991, p. 14, *grifos no original*) ilustra com exemplos essa asserção, veja-se:

Em português, o prefixo de sentido negativo *in-* não se deixa combinar, por exemplo, com verbos ou substantivos que indicam ação, com bases, portanto, de natureza dinâmica: *\*inapertar*, *\*incontração* (*des-*, por seu lado, não sofre essa restrição: *desapertar*, *descontração*). Outro caso interessante de restrição de uma regra lexical nos proporciona o sufixo *-ice*. Partindo da intuição, que aceita, por exemplo, uma derivação como *fajutice* (do adjetivo da gíria popular *fajuto* + *-ice*) e rejeita *\*legalice* e *\*enxutice* (dos adjetivos da linguagem popular *legal* + *-ice* e *enxuto* + *-ice*), formulam-se regras, com as restrições que a elas são inerentes, de formação de novas unidades lexicais. No caso dos substantivos abstratos em *-ice* (v. *fajutice*, *\*enxutice* e *\*legalice*), formula-se, p. ex., a hipótese de que *-ice* se une, hoje, de preferência a bases que, de algum modo, contêm elementos negativos: é o caso acima de *fajuto* em oposição a *legal* e *enxuto*.

Jakobson (2007, p. 38), por seu turno, discorre que, embora os falantes sejam capazes de criar novas lexias, essa competência ocorre de maneira limitada. Até mesmo a combinação de fonemas para formar morfemas é cerceado pelo sistema linguístico. Acerca dessa asserção, o autor pondera que:

Na combinação de traços distintivos em fonemas, a liberdade individual do que fala é nula; o código já estabeleceu todas as possibilidades que podem ser utilizadas na língua em questão. A liberdade de combinar fonemas em palavras está circunscrita; está limitada à situação marginal da criação de palavras (JAKOBSON, 2007, p. 39).

O acervo lexical do falante vai variando ao longo da vida, por isso é comum que ele, ao criar e/ou aprender novas unidades léxicas, também deixe cair no esquecimento lexias usadas outrora. Embora o falante reconheça com certa facilidade uma lexia nova, nem sempre é fácil estabelecer o conceito de neologismo. Correia e Almeida (2012, p. 22) sublinham que o neologismo pode ser entendido como “[...] uma unidade lexical que é sentida como nova pela comunidade linguística num determinado momento”, o que nos leva a pensar, ainda que intuitivamente que, em algum momento, todas as palavras utilizadas hoje já tiveram o *status* de neológica.

Essa condição também é apontada por Guilbert (1975), para quem os neologismos são criações, adoções e ressignificações lexicais que ocorrem para nomear determinados acontecimentos socioculturais, a exemplo de novos produtos, descobertas científicas, festas, conforme a temática desse estudo, dentre outros. Além disso, o autor destaca que as renovações lexicais estão relacionadas à história do léxico e da sociedade, pois representam aquilo que era novo em dado momento da sociedade e cultura.

Ante o exposto, compreende-se que o português, como qualquer outra língua, fornece ao falante mecanismos para formar novas lexias e, ocorrendo a formação de novas unidades léxicas que despertem nos falantes o sentimento de novidade, o arcabouço lexical do indivíduo acaba se atualizando.

## **2. Análise dos dados**

Nesta seção, apresenta-se os mecanismos que formam novas unidades lexicais na língua portuguesa. Para efeito deste trabalho, foram encontrados três, a saber: a) *neologia formal*, vale dizer, por meio de elementos morfológicos, sintáticos e fonológicos do próprio sistema linguístico; b) *neologia semântica*, que expande o sentido de uma unidade lexical já existente, nesse caso não há modificação na estrutura da lexia, mas sim em seu significado; c) *neologia por empréstimo*, que importa itens lexicais de outros sistemas linguísticos, adaptando-se ou não sua grafia, pronúncia etc. (FERRAZ, 2007).

Desta feita, consegue-se identificar neologismos concernentes a estas três classificações em nosso *corpus*, sendo que os *neologismos formais* se mostraram mais



frequentes nos nomes das festas analisadas, somando um total de trinta e sete (37) unidades neológicas. Esses neologismos formais abarcam os processos de derivação e composição, a saber, os derivados fazem uso de prefixos e sufixos, enquanto os compostos resultam da combinação de dois ou mais radicais (ALVES, 2007). Além disso, destaca-se que esses processos contêm subprocessos, os quais serão apresentados ao longo das discussões.

Nos derivados, foram recorrentes os processos de prefixação, que formam lexias a partir do acréscimo de um prefixo a um radical. Percebe-se que esse recurso é utilizado em *interUFG*, *interUNESP* e *interCivil* para eventos que envolvem festas, jogos e *shows*. Em especial, o prefixo *-inter* significa, *ipsis litteris*, entre, mas nesse contexto, simboliza a interação, tomando por base que esses eventos ocorrem em colaboração com outros *campi* e/ou regionais das universidades, ou ainda cursos que se unem para tal organização.

As criações lexicais não se resumem apenas aos derivados por prefixação, pois nos derivados se enquadra a sufixação, que é a junção de um sufixo a uma base. Para explicar esse processo, expõe-se o sintagma *choppada da med*, que em *choppada* ocorre o acréscimo do sufixo *-ada* em *chopp* (*chope*). Esse sufixo indica ação (FERREIRA, 2010) e ainda abundância e/ou intensidade, sendo esse o motivo dele ser usado nessa formação, dado que se refere à uma festa da Medicina com muito *chope*.

Os neologismos compostos igualmente se mostraram regulares nos nomes das festas analisadas. Destaca-se que teve um caso de justaposição, vista aqui como a junção de uma ou mais unidades lexicais “sem alteração fonética dos elementos”, conforme aponta Siqueira (2015, p. 54). Esse caso foi observado na lexia *ondejácivil?*, que uniu *onde* + *já* + *civil* para formar um único item lexical e sem perda fonética, fazendo uso, ainda, de uma metáfora, pois há uma brincadeira com o nome do curso, *Engenharia Civil*, reduzido apenas ao adjetivo *civil*, e a oração *onde já se viu*, pela semelhança fonética com os dois últimos elementos dessa.

Outro processo dos compostos é a aglutinação que, similarmente à justaposição, uma ou mais bases se unem, porém havendo alteração fonética (SIQUEIRA, 2015), como se vê em: i) *butecagro* (*boteco* + *agro*) que se refere à festa do curso de Agronomia com temática de boteco, ou seja, uma comemoração com muitas bebidas alcoólicas. Vale ressaltar que a lexia *boteco* é transcrita como *buteco*, o que se deve

considerar como uma variação fonológica, em que ocorre o alçamento da vogal pretônica /o/ em /u/, fazendo referência à forma oralizada. Outro caso concerne à lexia *inseminálcool*, *insemina* + *álcool*, em que houve perda do fonema /a/ da primeira base pelo encontro com o /a/ inicial da segunda base. Essa unidade lexical faz associação com a ingestão de álcool, sendo que esse evento foi promovido por uma turma do curso de Veterinária, que tem como ofício aplicar remédios por pulsão venosa em animais de pequeno porte.

Há, entre os compostos, as composições sintagmáticas, que dizem respeito a “um segmento frasal [que] encontra-se numa íntima relação sintática, tanto morfológica quanto semanticamente, de forma a constituírem uma única unidade léxica” (ALVES, 2007, p. 50). Em outros dizeres, trata-se de duas ou mais lexias que sozinhas produzem determinado sentido, mas que juntas assumem nova conotação semântica. Esse processo se mostrou frequente nos nomes coletados, em específico, teve-se oito ocorrências de composições sintagmáticas, nos seguintes itens lexicais: *med sunset*, para a festa do curso de Medicina que ocorre no fim de tarde, fazendo referência ao pôr do sol, tradução livre da lexia *sunset*; *engelada open*, comemoração dos cursos de Engenharia em que há bebidas à vontade; *magistarados (sua perversão não será julgada)* para a festa de uma turma do curso de Direito. Em especial, esse sintagma faz um jogo lexical com *magistrado*, que é hiperônimo de juiz e ministro, e designa um indivíduo de muita autoridade nos limites da jurisdição (AULETE, 2014) e *tarado* que é uma pessoa que possui e realiza perversões sexuais (AULETE, 2014), ou seja, o nome da festa une duas realidades muito diferentes ressaltando-se que práticas libertinas estarão permitidas na festa.

Antes de prosseguir com as discussões, faz-se necessário refletir sobre a composição sintagmática *magistarados (sua perversão não será julgada)*, pois essa nomeação faz referência à perversão sexual e de que a pessoa que assim proceder não sofrerá as sanções cabíveis por parte das autoridades competentes. Essa nomeação traz preocupações, principalmente quando há relatos de diferentes abusos em festas universitárias, dentre eles o abuso sexual, conforme pontuam Martire *et al* (2016), baseados em uma matéria do jornal online *El país*, de que cerca de “143 mil estupros [são] cometidos por ano em universidades, mas que somente 35% das vítimas costumam denunciar”. Uma nomeação como essa tende a banalizar um crime

considerado hediondo no país, ainda mais quando se percebe que sua criação parte de uma turma do curso de Direito, sendo um de seus objetivos punir condutas indesejadas socialmente.

No que tange às composições sintagmáticas, tem-se, ainda, *choppada da med*<sup>1</sup> para o evento realizado pela Medicina em que há predominância da bebida alcoólica chope; *kaloucura farmafunk*, festa de funk para comemorar os ingressantes no curso de Farmácia, vale dizer que a primeira lexia reduziu *calouro* para *ka*<sup>2</sup> e manteve *loucura*; *arraiá da CEU* para uma festa junina da casa dos estudantes universitários; *calourada bioinformática* para o evento conjunto dos cursos de Biologia e Computação realizado para seus respectivos calouros. Para finalizar esse processo, apresenta-se o sintagma *reveillonze 2019: curando seu semestre*, para a última festa universitária da república, feita para estudantes de qualquer curso universitário da Universidade Federal de São Carlos, a qual tem como intuito “curar” o semestre dos estudantes com diversão.

Ao analisar os neologismos anteriores, nota-se que alguns continham mais de um processo, os quais serão expostos ao longo de nosso texto. Essa observação condiz com a assertiva de Correia e Almeida (2012, p. 25) de que “um mesmo neologismo pode evidenciar, ao mesmo tempo, tipos de novidades diferentes, o que acontece com frequência”.

Consoante a isso, volta-se as análises ao cruzamento vocabular, definido “como um processo de formação de palavras que consiste na fusão de duas bases”, segundo Gonçalves (2016, p. 76). É necessário dizer que o cruzamento vocabular se assemelha, em um primeiro momento, com a aglutinação, no entanto, quando há a junção de bases, uma ou ambas perdem elementos fonéticos e morfológicos. A exemplo do exposto, tem-se cinco casos, sendo eles: *carnafacul*, para *carnaval* + *faculdade*, em que os universitários comemoram o carnaval que geralmente acontece um pouco antes e/ou durante o início do ano letivo; *odontovet*, para a festa conjunta entre os cursos de Odontologia e Veterinária, apresentada pela junção abreviada dos nomes de ambos os

---

<sup>1</sup> Deve-se dizer que “um neologismo pode evidenciar, ao mesmo tempo, tipos de novidades diferentes, o que acontece com frequência”, segundo Correia e Almeida (2012, p. 25). Em outros termos, determinada unidade lexical neológica pode contemplar mais de um processo, nesse sentido, é comum que algumas lexias sejam retomadas em determinados momentos de nosso texto.

<sup>2</sup> Evidencia-se que os organizadores do evento substituíram a consoante *C* de *calouro* pelo fonema /K/, o qual graficamente é representado por /C/. Em nossa perspectiva, a mudança ocorreu por questão estilística, possivelmente com o intuito de distinguir tal evento de outro que tivesse nomeação semelhante.

cursos; semelhantemente, a *engenhamed* consiste na festa em que as unidades lexicais Engenharia e Medicina foram reduzidas para nomear a festa em colaboração dos dois cursos; *namasbud* para uma festa de república chamada *Namastê*, em que teria predominância da cerveja *Budweiser*; por fim, tem-se *bioinformática* para o evento conjunto entre os cursos de Biologia e Informática, sendo que, nesse caso, apenas Biologia teve redução em sua estrutura.

Gonçalves (2016) aponta que os cruzamentos vocabulares são recorrentes em textos publicitários, jornalísticos e literários com vistas a chamar a atenção de seus leitores. Por esse prisma, pode-se afirmar que tal processo é utilizado com igual intuito nas nomeações de festas, uma vez que se obteve mais desses casos neste estudo.

De modo detalhado, esse processo contém subprocessos, a saber: entranhamento lexical e combinação truncada. O primeiro, considerado um dos mais produtivos na língua, “consiste na fusão de duas palavras pela interposição de uma à outra. Do ponto de vista fonológico, as duas bases são literalmente superpostas, de modo que um ou vários segmentos são compartilhados” (GONÇALVES, 2019, p. 152). Dizendo de outra maneira, nesse processo de criação lexical as bases se fundem compartilhando até seus elementos fonológicos, como em *magistarados*. O mesmo pode ser visto em *MEDerruba*, formado pela junção de Medicina e derruba, para a festa dos calouros em Medicina; *ENFarra* para a festa/farra do curso de Enfermagem; *administravando* para o evento do curso de Administração em que a lexia *travando* traz uma metáfora com bebida alcoólica, uma vez que os frequentadores da festa poderiam “travar” e/ou “passar mal”, certamente ao ingerirem muito álcool. Esse processo acontece, também em *reveillonze 2017: curando seu semestre*, em específico, na lexia *réveillon*, que se fundiu com a unidade lexical *onze*. Por fim, *kaloucura farmafunk*, que em *kaloucura* há o entranhamento lexical entre *calouro*, reduzido a *ka*, e *loucura* fazendo com que o item neológico fonologicamente remeta à calouro e loucura.

Volta-se nossa atenção para o segundo tipo de cruzamento, a combinação truncada, que ocorre “quando as palavras não são do mesmo tamanho, a maior sofre truncamento e a menor se concatena a ela”, conforme aponta Gonçalves (2019, p. 153). Nas análises realizadas, examinou-se cinco casos de combinação truncada, tais como em *engelada open*, em que Engenharia sofreu truncamento para se acoplar a *gelada*. Destaca-se que apenas os nomes dos cursos e/ou a lexia *universidade* são reduzidos

nesse processo, a exemplo de *Medfolia*, festa de carnaval do curso de Medicina; *educachaça*, para a festa do curso de Educação Física, sendo que a unidade lexical *educação* foi reduzida; de modo semelhante, encontrou-se a lexia *universipraia* para uma festança universitária na praia, em que o item lexical maior *universidade* sofreu truncamento; por último, tem-se *kaloucura farmafunk*, sendo que em *farmafunk* há combinação truncada devido à redução de Farmácia.

Outro processo *formal* inventariado no campo dos compostos são os hibridismos, considerados por Kehdi (2005, p. 50) como “os vocábulos compostos ou derivados, cujos elementos provêm de línguas diferentes”. Nesse caso, os hibridismos são entendidos por nós como a união de duas ou mais bases oriundas de diferentes línguas, tal como em *kaloucura farmafunk* em que *farma* de Farmácia oriundo primeiramente do grego *pharmakeía* e, tardiamente, do latim *pharmacia* (FERREIRA, 2010), fundiu-se com *funk* do inglês.

Dando sequência às discussões, parte-se aos processos neológicos de siglas e acrônimos. Correia e Almeida (2012) consideram que esses recursos fazem parte dos neologismos compostos, dado que se trata da junção das iniciais de composições sintagmáticas. De modo específico, as siglas são percebidas por meio da pronúncia, dado que essas são soletradas como em *MMG* para *med minha glicose*, festa do curso de Medicina que faz alusão ao aumento de glicose no sangue causado provavelmente pelo consumo excessivo de álcool.

Há, também, os acrônimos, “cuja sequência de letras permite a pronúncia de uma palavra normal” (GONÇALVES, 2019, p. 148), a exemplo dos quatro casos encontrados: *JUC*, para *Jogos Universitários do Cerrado*, e *JUFRA* para *Jogos Universitários de Franca*, que referem-se a jogos esportivos universitários, mas que abarcam inúmeras festas comemorativas antes, durante e após as partidas. Os acrônimos são visualizados também em *CIA*, para Copas Inter Atléticas, evento semelhante aos anteriores que envolve jogos e festas, porém com atléticas, associações de estudantes, de uma mesma universidade; por fim, em *arraiá da CEU* há processo semelhante ao anterior em *CEU* para *Casa dos Estudantes Universitários*.

É comum nos estudos de neologia, que a abreviação seja tratada como “outros processos” (cf. ALVES, 2007; KEHDI, 2005). No entanto, nesse estudo, a abreviação será compreendida como um processo deformacional, terminologia usada por Correia e

Almeida (2012, p. 56), para as criações lexicais que envolvem a redução da “integridade morfológica dos radicais envolvidos na construção dos seus produtos”, caso esse de *med sunset* e *choppada da med* em que o item lexical Medicina sofreu redução.

Um caso de neologia por empréstimo, compreendida como a adoção de itens lexicais de outros idiomas, foi encontrado nos nomes coletados. Especialmente, trata-se de um estrangeirismo, que é aquele que “ainda não faz parte do acervo lexical do idioma” importador, de acordo com Alves (2007, p. 72). Em outros termos, tal processo é visto como uma adoção recente, mas que é usada com certa recorrência pelos falantes, mas que não se encontra dicionarizada, ou seja, não foi totalmente adotada pelo sistema linguístico. Destaca-se, então, que a lexia *sunset*, de *Med sunset*, é um estrangeirismo, pois essa não consta nas obras lexicográficas consultadas.

Para elucidar e quantificar os dados apresentados até o momento, apresenta-se a seguir um quadro que nos dá uma visão panorâmica dos neologismos coletados e suas respectivas classificações:

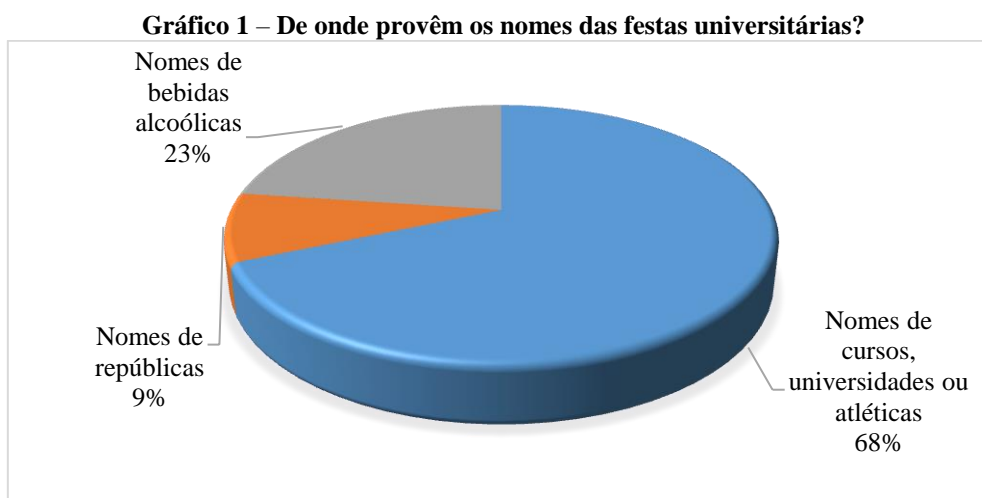
**Quadro 1 – Visão geral dos neologismos de festas universitárias em 2017, retirados da rede social Facebook**

NEOLOGIA	PROCESSO	NEOLOGISMO	TOTAL
Formal	Prefixação	<i>InterUFG; interUNESP; interCivil.</i>	3
	Sufixação	<i>Choppada da med;</i>	1
	Justaposição	<i>ondejácivil?</i>	1
	Aglutinação	<i>Butecagro; inseminálcool.</i>	2
	Composição sintagmática	<i>Med sunset; engelada open; magistarados (sua perversão não será julgada); choppada da med; kaloucura farmafunk; arraiá da CEU; calourada bioinformática; reveillonze 2017: curando seu semestre.</i>	8
	Cruzamento vocabular	<i>Carnafacul; odontovet; engenhamed; namasbud; calourada bioinformática.</i>	5
	Cruzamento vocabular por entranhamento lexical	<i>Magistarados (sua perversão não será julgada); MEDerruba; ENFarra; administravando; reveillonze 2017: curando seu semestre; kaloucura farmafunk.</i>	6
	Cruzamento vocabular por combinação truncada	<i>Engelada open; MedFolia; Educachaça; Universipraia; kaloucura farmafunk.</i>	5
	Hibridismo	<i>Kaloucura farmafunk.</i>	1
	Sigla	<i>MMG.</i>	1
Acrônimo	<i>JUC; JUFRA; CIA; Arraiá da CEU.</i>	4	
Deformacional	Abreviação	<i>Med sunset; choppada da med.</i>	2
Por empréstimo	Estrangeirismo	<i>Med sunset.</i>	1
<b>TOTAL</b>			<b>40</b>

Fonte: Elaborado pelos autores.

Totalizou-se quarenta processos, em sua maioria por neologia formal, que conteve trinta e sete ocorrências, ao passo que as criações deformacionais obtiveram dois casos, enquanto as renovações por empréstimo tiveram um caso apenas. Esses dados indicam que os organizadores de festas universitárias optam pelos neologismos formados por processos formais na nomeação de seus eventos, demonstrando uma preferência por composições sintagmáticas e cruzamentos vocabulares, ora por entranhamento lexical e/ou combinação truncada.

Interpreta-se ainda que há certa regularidade nas criações lexicais que nomeiam essas festas, sendo elas formadas a partir do nome dos cursos, talvez para afunilar seu público-alvo, como também por uma questão de identidade, ou seja, deixar representado qual curso organizou a referida comemoração. Quando não formadas pelo nome dos cursos, identificou-se que os universitários utilizam o nome das repúblicas e até das bebidas alcoólicas que serão comercializadas no local. Para explicar esse ponto de vista, criou-se um gráfico que mostra em porcentagem tal inferência:



Fonte: Elaborado pelos autores.

No total, teve-se vinte e oito (28) neologismos que nomearam as festas universitárias analisadas, sendo que sessenta e oito por cento (68%) dos dados foram formados a partir de nome de cursos, universidades e/ou atléticas, ao passo que vinte e três por cento (23%) por meio de referências a bebidas alcoólicas, enquanto nove por cento (9%) se originou de nomes de repúblicas.

Por essa razão, deve-se considerar as criações lexicais aqui analisadas como neologismos estilísticos que

são o exemplo mais claro de *criatividade lexical*, entendida como a capacidade que o falante possui para alargar o sistema linguístico, de forma consciente, por meio de princípios de abstração e comparação imprevisíveis, mas claramente motivados (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p. 19, grifos das autoras).

Considera-se os dados aqui expostos como neologismos estilísticos, pois esses estão no nível do discurso e, conseqüentemente, serão efêmeros, podendo, ainda, desaparecer com o passar dos anos, conforme novas festas forem surgindo. Além do mais, pode-se afirmar que essas unidades lexicais não chegam a ser dicionarizadas, “porque a adoção é uma seleção e normalmente se aceita aquilo que é funcional e certo, correspondendo a uma necessidade estética, social ou funcional da sociedade”, segundo Carvalho (1987, p. 20).

Portanto, os neologismos investigados têm o propósito de nomear as festas universitárias, demonstrando uma criatividade lexical única, muito provavelmente com o intuito de chamar a atenção do público-alvo do evento. Além disso, esses revelam a produtividade lexical dos falantes, sendo esse um conceito apresentado por Sandmann (1991), relacionado à disponibilidade de regras linguísticas para que os sujeitos possam formar novas unidades lexicais.

## **Conclusão**

A observação da linguagem utilizada na internet para designar festas universitárias que são divulgadas no *Facebook*, verificou-se que há muita criatividade na formação desses nomes. Acredita-se que isso se dá pelo fato de o nome atrair o público pretendido, portanto, quanto mais o público-alvo se identificar com o nome e a proposta da atração, maior será a sua adesão ao evento. Similarmente a isso, interpreta-se que essas criações lexicais quando mediadas pelo âmbito tecnológico, especialmente, mídias sociais tendem a serem temporárias, posto que constantemente os indivíduos exercem inovação linguística nesses meios.

Por conseguinte, o objetivo foi verificar quais foram os processos de formação de palavras que compuseram essas lexias. A princípio, conjecturava-se que os neologismos mais recorrentes se dariam pelo processo de composição por aglutinação e justaposição,



todavia essa hipótese não foi corroborada, pois os processos que mais se evidenciaram foram os de cruzamento vocabular e composição sintagmática.

Como *corpus* de exclusão, utilizou-se os dicionários *Caldas Aulete* (2014) e *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo* (2011), que ajudaram a confirmar que os nomes de festas selecionados foram, de fato, neologismos, tal como o esperado.

Frisa-se que foram inventariados vinte e oito (28) neologismos estilísticos, os quais majoritariamente são criações formais. Para nós, esses conteúdos que surgem nas redes sociais são transitórios, uma vez que esses são “estabelecidos conforme a necessidade [de seus usuários] em um certo momento e desmanchado no instante seguinte”, de acordo com Martino (2015, p. 56). Nesse sentido, percebe-se que o léxico sofre interferências dessas mudanças digitais, principalmente por meio dos neologismos oriundos dessa esfera.

À guisa da conclusão, acentua-se a relevância deste estudo, o qual teve como finalidade investigar a renovação e criatividade lexical dos indivíduos nas redes sociais, o que se considera necessário destinar tal atenção a esses aspectos, em razão da internet ser o principal meio de comunicação da sociedade contemporânea. Em outros termos, mídias sociais como o *Facebook* são esferas que representam as novidades sociais, sejam elas lexicais ou não.

## REFERÊNCIAS

ALVES, I. M. **Neologismo**: criação lexical. São Paulo: Ática, 2007.

AULETE, F. J. C.; VALENTE, A. L. dos S. **Aulete digital**. Rio de Janeiro: Lexicon Digital, 2014. Disponível em: <http://www.aulete.com.br>. Acesso em: 10 maio 2017.

BARBOSA, M. A. Da neologia à neologia na literatura. *In*: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 33-52.

BASÍLIO, M. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 1987.

BASÍLIO, M. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

BIDERMAN, M. T. C. A expansão do léxico. Neologismos. *In*: BIDERMAN, M. T. C. **Teoria Linguística**: (teoria lexical e Linguística computacional). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001a. p. 203-213. (Coleção Leitura Crítica).

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. *In*: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001b. p. 13-22.

BORBA, F. da S. (Org.). **Dicionário UNESP do português contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011. 1488p.

CARVALHO, N. **O que é neologismo?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CORREIA, M.; ALMEIDA, G. M. de B. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

DAMASCENO, J. P. T; CAVALCANTE, F. da C.; LAURO, M. E. de S.; ALVES, C. O. “Bem-vindo ao clube”: a utilização de redes sociais como estratégia de alcance ao público jovem de Goiânia. **Caderno de educação, tecnologia e sociedade (CETS)**, Inhumas, v. 9, n. 1, p. 1-14, 2016.

FERRAZ, A. P. Neologismos na publicidade impressa: processos mais frequentes no português do Brasil. *In*: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia, volume III. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 53-64.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.

GONÇALVES, C. A. **Morfologia**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

GONÇALVES, C. A. **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016.

GUILBERT, L. **La créativité lexicale**. Paris: Larousse, 1975. (Langue et Langage).

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

KEHDI, V. **Formação de palavras em português**. São Paulo: Ática, 2005.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTINER, G.; PIRES, C.; PARREIRAS, C.; BRAGA, M. Que festa é essa: violências em contextos de festas universitárias. *In*: XII CONGRESSO NACIONAL DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E III INOVARSE – RESPONSABILIDADE SOCIAL APLICADA, 12, 2016, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: FIRJAN-RJ. Disponível em: [https://www.inovarse.org/sites/default/files/T16\\_033.pdf](https://www.inovarse.org/sites/default/files/T16_033.pdf). Acesso em: 05 out. 2020.

MARTINO, L. M. **Teoria das mídias digitais**: linguagens, ambientes e redes. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).

SANDMANN, A. J. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. Curitiba: Scientia et labor: Ícone, 1988.

SANDMANN, A. J. **Competência lexical** – produtividade, restrições e bloqueio. Curitiba: Ed. da UFPR, 1991.

SIQUEIRA, J. C. **Estudos de neologismos**. São Paulo: Agbook, 2015.

VILELA, M. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.